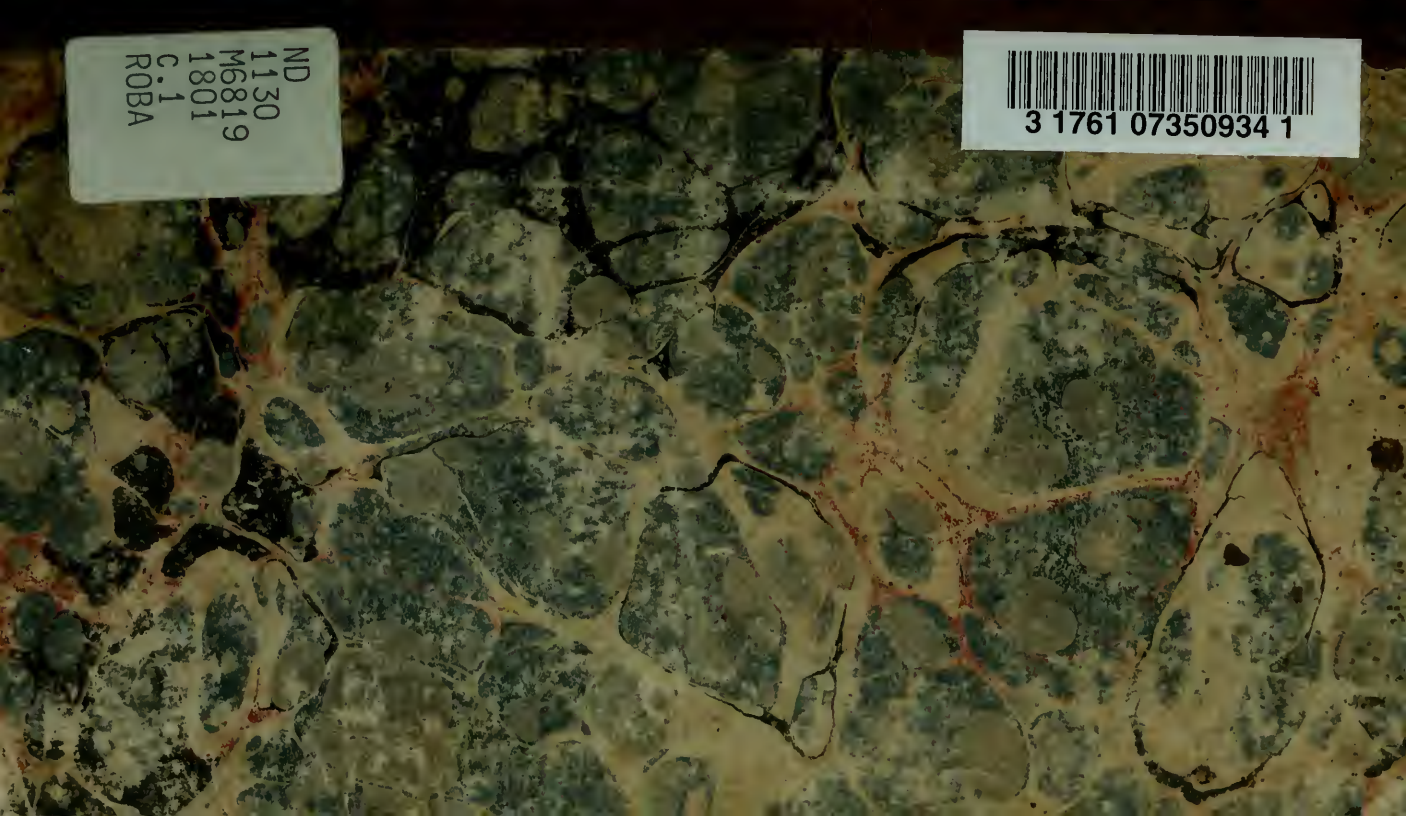

ND
1130
M6819
1801
c.1
ROBA
3 1761 07350934 1

O MEIO
DE SE FAZER PINTOR
EM TRES HORAS.

O MEIO
DE SE FAZER PINTOR
EM TRES HORAS,

E DE EXECUTAR COM O PINCEL AS OBRAS DOS MAIORES MESTRES, SEM SE TER APRENDIDO O DESENHO,

TRADUZIDO DO FRANCEZ.

LISBOA,

NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCI.

Por Ordem Superior.

LIBRARY
AUG
0
1960

PREFACIO.

A Pintura feita em huma estampa, applicada sobre o vidro, ou espelho, tem tantos encantos, e attractivos, que sobrepassa a miniatura, assim pela viveza do seu lustre, como pela macieza do seu toque. Todos o podem saber, sem terem d'antemaõ aprendido os primeiros elementos do Desenho; mas esta mesma maneira de pintar, taõ divertida, e taõ commoda, he conhecida de muito poucas pessoas. O primei-

meiro, que a inventou, só communicou o seu segredo a alguns amigos em particular, e ainda que muitos procuraõ executallo, com tudo continua a ser hum segredo. Mas como para mim naõ he, o quero descubrir com todas as suas circumstancias, ou partes em beneficio das Senhoras, particularmente, das que encontraõ no seu exercicio hum divertimento bem engraçado. Naõ se podendo ter sempre perto de si pessoas, que possaõ instruir de tudo quanto lhe diz respeito, neste caso, se procure esta pequena obra, que contém todas as instrucçôes necessarias. As obras, que tenho feito neste genero, saõ demasiadamente conhecidas, para serem fiadoras da verdade que digo. Eu sómente naõ expuz o como se coloriaõ as flores; porque a sua variedade infinita me obrigaria a miudezas, que naõ teriaõ fim. Além do que, ella contém tudo isto até as differentes mistu-

ras

ras de cores, e mesmo de cada huma das misturas, o que será de grande utilidade aos pintores novos, tanto aos que trabalhaõ a oleo, como aos outros generos, visto o embaraço, em que elles muitas vezes se achaõ na escolha das cores, que devem representar tal, ou tal objecto.

DIA-

DIALOGO I.

Marqueza.

BOm dia, Senhor Vispré; trazeis-me o meu espelho?

Vispré.

Sim, Senhora; ei-lo aqui nesta caixa, tal, qual mo encommendastes. Que vos parece?

Marqueza.

Muito bem; agora vejo ser verdade, o que me disseraõ, que isto reunia os dois objectos mais agradaveis da graça, e do quadro; mas se em lugar destes dois pardaes, que batendo as azas, estaõ unidos pelos bicos, houvera hum só, naõ diminuiria a belleza da obra; que dizeis.

Vispré.

He quasi impossivel mudar-lhe nada, mas, se for do vosso gosto, executarei n'outro vidro o mesmo plano com a emenda, que me apontardes.

Marqueza.

Attendendo á vossa condescendencia, e a esta grinalda de flores, pintada com hum colorido taõ natural, que parece sobre sahir ao vidro, deixemos os pardaes, com a condiçaõ porém, que haveis de satisfazer á algumas curiosidades femenis, a respeito da vossa arte; pois confesso, que sou louca pela pintura, e se já naõ estivesse para fazer vinte e cinco annos, certamente seria vossa discipula.

Vispré.

O vosso gosto, Senhora, que mostra a grande propensaõ, está fortificado pela idade, e com poucas lições ficaria a discipula, naõ só capaz de se divertir, mas de exceder muito ao mestre.

Marqueza.

Sois muito obsequioso, Senhor; e me sinto propensa a exercitar a vossa paciencia.

Vispré.

Muito me honro com a escolha, que de mim fazeis, e heide corresponder, Senhora, aos vossos desejos, o melhor, que me for possivel.

Marqueza.

Pois bem; principiemos pelo genero, que tem mais relaçaõ com o vosso talento; quero dizer a pintura em vidro; instrui-me no seu methodo, e execuçaõ.

Vis-

Vispré.

Pintura em vidro.

A arte de pintar o vidro foi conhecida dos antigos. Os preciosos restos, que achamos nas vidraças de alguns dos nossos templos, nos fazem lamentar a voracidade dos seculos, que destruiraõ a maior parte dellas, e quasi sepultaraõ na sua ruina a Theoria, e a Pratica. Alguns querem, que sejaõ hoje totalmente ignoradas; com tudo afirmaõ, que ha annos hum Benedictino ressuscitou esta arte; e que as suas obras em nada cedem ás dos antigos que admiramos. Podemos fazer conceito dellas pelas reparações, que elle fez nas vidraças das Igrejas de S. Deniz, de S. Germano, des-Prés, e outros lugares.

Dizem, que este segredo nos veio de Alemanha; e sem duvida, que os materiaes, de que elles se serviaõ para as suas cores, saõ os mesmos, de que hoje usamos; a saber, os estilhaços que saltaõ das bigornas dos ferreiros, o sabaõ branco, as pedrinhas das ribeiras mais transparentes, mineral de chumbo, conchinhas, pedra negra, sarro, geço, fezes de prata, e até a mesma prata, e ouro. Moaõ estas cores, cada huma de per si n'huma chapa de cobre com agoa, em que haviaõ desfeito goma Arabia; punhaõ as cores assim destemperadas sobre o vidro; e os menos habeis, para dar os realces, para sinalar os pelos da barba, os cabelos, e os claros, ou fosse nas roupagens, ou n'outra qualquer parte, usavaõ de hum páosinho aguçado para tirar methodica-

mente do vidro a cor, que lhe tinhaõ posto pouco mais, ou menos, como fazem os abridores em preto.

Sem duvida, que a carestia destes ultimos, contribuio muito á decadencia, por naõ dizer ao esquecimento, desta arte. Estando as cores postas no vidro, o metiaõ n'hum forno, e derretendo as o calor, uniaõ-se, e algumas até penetravaõ ao interior do vidro.

Marqueza.

⚙ Vidros raros. ⚙

Na verdade seria deploravel a perda de hum segredo taõ belo. Lembra-me de ter visto em Rouen fragmentos deste genero d'huma riqueza de colorido fóra do commum: saõ os vidros da capella do cemiterio de S. Maur. Os maiores conhecedores naõ tem alli mais, que desejar. Iguaes se admiraõ na capella do Castelo de Vincennes.

Vispré.

Tenho visto, Senhora, esses primores da antiguidade; e nada temos taõ belo na Europa. Em vez de admirar-me, de que Luiz Grande pensasse ornar a capella de Verssailles com estes vidros magnificos; pelo contrario, causa-me estranheza, naõ os ver alli.

Marqueza.

Contentemonos de admirar os restos, que nos ficáraõ, esperando, que este segredo ainda chegue a toda a sua perfeiçaõ. Mas, se vos agrada, fallemos do vosso, que me parece hum ramo deste genero.

Vis-

Vispré.

❁ Pintura sobre o espelho. ❁

Talvez, Senhora, que julgando perdido o primeiro, imaginassem o segundo. N'hum, e n'outro se poem as cores sobre o vidro, e esta he a unica relaçaõ. que tem entre si. O que vedes no vosso espelho, he a arte de pintar no vidro, mas sem fogo. Para a exercitar, inverto a ordem geral, que serve de regra invariavel á todo o outro genero de pinturas. Ponho em primeiro lugar os realces, que saõ ordinariamente os ultimos, que se poem, quando pintamos em páo, ou pedra, panno, metaes, ou paredes; e as cores que servem de fundo, e esboço se poem sobre as outras, e saõ as ultimas.

Marqueza.

A vossa arte podia chamar-se pintura ás-vessas, pois principiais, por onde os outros acabaõ. Hum pintor perito naõ faria o mesmo, seguindo o seu methodo ordinario?

Vispré.

Naõ, Senhora; por muito perito, que o suponhais na arte seductora de enganar os nossos olhos pela destreza da mistura, e applicaçaõ das cores; até pela imitaçaõ perfeita daquellas, de que se revestem os objectos naturaes, e pela distribuiçaõ economica, e vantajosa, que dellas soubesse fazer, já mais conseguiria este fim, senaõ invertesse a ordem usual da posicaõ das tintas.

Isto naõ he tudo. Ainda, que saiba fixar

as

as tintas com aquella mesma tenacidade, com que as applica ao panno, se naõ conhece o vinculo invisivel, que as liga intimamente ao polido do vidro, que naõ tem póros abertos, para segurar a pintura, a qual se aferra per si mesma aos outros corpos, nunca a sua arte, por mais perfeita, que fora, lhe subministraria meios de saber, como em vidros estanhados, taes como o vosso espelho tiraria artificiosamente o aço naquelle só lugar, em que tivesse necessidade de pintar do natural, quadrupedes, aves, flores, frutos, e ornatos, seja da China, seja de outro qualquer clima, de modo, que a pintura, e o estanho, que ficar, façaõ hum todo sem intervallos, e nos possamos ver nestes espelhos trabalhados do mesmo modo, que em outros quaes quer.

Marqueza.

Pelo que dizeis, percebo toda a belleza do vosso talento, porém á proporçaõ, que sinto crescer em mim o desejo de aprender, vejo augmentarem-se as dificuldades de o conseguir. Descubri vós o segredo de me ensinar tudo, o que respeita a esta arte em taõ pouco tempo, como eu gasto em pôr o carmim, que eu vos pagarei este precioso talento por tudo, quanto quizerdes.

Tenho hum genio taõ frenetico, que naõ poderia, sem impaciencia, applicar-me muito tempo á mesma cousa; além de que, os elementos das artes e sciencias saõ taõ fastidiosos, que naõ sei, como póde alguem expor-se ao trabalho de os estudar. Com tudo sacrificarei hum dia inteiro, se podesse aprender

der a pintar sómente huma rosa taõ viva, como aquella, que executastes no meu espelho.

Vispré.

Se fallasseis serio, responder-vos-hia, senhora, que para pintar huma rosa he preciso aprender a desenhalla, mas terei cuidado de vos livrar dos principios enfadonhos, capazes de descorar as mesmas rosas, mil vezes mais bellas, que estas, que vos ensinarei a pintar.

Marqueza.

O senhor falla taõ bem, como pinta; mas quando abristes a vossa boceta, naõ vi hum quadro?

Vispré.

Sim, senhora, vai para huma estimavel viuva, he huma Magdalena, gravada conforme o famoso quadro de le Brun, bem conhecido por todos. Fazei-me a graça de dar-me o vosso parecer.

Marqueza.

Bella copia! Naõ se podia exprimir melhor hum original. Já mais deixo de ir admiralo aos Carmelitas, todas as vezes que subo ao valle da Graça, onde tenho alguns conhecimentos. Na verdade, he bem feliz essa viuva, pois, com tal quadro, será impossivel que naõ aprenda a chorar com graça a morte de seu marido. Mas que me quereis dizer com a vossa Magdalena gravada? Naõ he pintada em vi-

vidro pelo quadro de le Brun, do mesmo modo, que pintastes sobre o meu espelho? Explicai-me este mysterio.

Vispré.

Naõ, Senhora, he totalmente outro genero; o que julgais ser hum quadro, naõ he mais, do huma estampa gravada, segundo o quadro de le Brun. Véde atravez do vidro, como esta pegada.

Marqueza.

Que dizeis! Sem duvida fazeis escarneo de mim; quanto mais olho, menos vejo a estampa. Vós naõ pintastes esta Magdalena?

Vispré.

Sim, senhora, mas foi sobre a estampa.

Marqueza.

Acabai por huma vez. Dai-me olhos, ou explicai-vos.

Vispré.

Com muito gosto, senhora. Disseste-me em ar de brinco, que sacrificareis de boamente hum dia para aprender a pintar huma rosa em vidro; e eu respondo, que naõ peço mais que tres horas para vos ensinar a pintar em vidro, naõ só huma Magdalena igual á esta, mas quaesquer outros objectos, que quizerdes.

Marqueza.

Eis-aqui o que se chama hum homem esti-

timavel. Senhor Vispré, lembrai-vos da promessa, a que vos obrigastes; concedo-vos as tres horas, que pedis, e ficais penhorado pela palavra.

Vispré.

Sim, senhora, se me fizerdes a honra de attender-me, ficareis convencida, de que naõ sou impostor. Presisto pois em sustentar, que o que vedes, he huma estampa, e hum retrato feito a pincel, pintado por detrás da mesma estampa. A prova será facil. Escolhei senhora, nesta caixa a estampa, que vos agradar, ou, para vos fazer isto mais sensivel, pegai d'huma semelhante á esta, que vedes, pintada por detrás deste vidro.

Marqueza.

Aqui está, e por ora só vejo, que tenho huma estampa, das que vendem os estampadores, a qual representa a Magdalena: e naõ lhe acho outra semelhança com a vossa pintura, mais, que nas proporções.

Vispré.

⊛ Pintura por detrás do vidro. ⊛

He toda a comparaçaõ, que por ora exijo de vós. Está bom, senhora, a estampa, que tendes, naõ differe da outra sua igual, que está debaixo do vidro, senaõ em que esta naõ teve ainda os preparos, que a fizeraõ transparente, nem foi pintada pelo reverso, de maneira, que fizesse desapparecer, ou fugir todo o escuro desta mesma estampa, para mos-

mostrar só as cores, que a disfarçaõ, a ponto de fazer pensar, como vos aconteceo, que era huma copia da Magdalena de le Brun, trabalhada a pincel, conforme o original.

Marqueza.

Sois taõ persuasivo, que estou quasi tentada a dar-vos credito.

Vispré.

Naõ tendes necessidade, senhora, de referir vos, senaõ a vós mesma neste particular, se mediarem as tres horas, que pedi, para vos fazer executar huma tal methamorforse.

Marqueza.

Eia, Senhora, nao percamos tempo em palavras, ensinai me promptameute esta mágia, que me ha de fazer pintora em taõ poucas horas.

Vispré.

Esta magia vos subministrará hum meio de variar os vossos divertimentos.

Marqueza.

Por certo que os naõ hei de variar, porque daqui em diante naõ quero applicar-me a outra cousa. Dai-me a vossa palavra, que havemos de principiar a trabalhar nisto depois de jantar?

Vispré.

Quando quizerdes, Senhora. Nesta boceta tenho tudo, o que precisamos; mandai só vir

vir hum grande vaso d'agua a ferver, e eu respondo pelo mais.

Marqueza.

Hum vaso de agua a ferver? Depressa sereis servido. Dizei lá dentro, da minha parte, que vaõ cuidando nisso, a fim de que esja tudo prompto, quando se principiar a obra. Mas olhai, Senhor Vispré, naõ vades publicar a minha inadvertencia, que me podem escarnecer.

Vispré.

Executarei fielmente as vossas ordens. Esse engano naõ vos deve assustar, porque, desde que me appliquei a este genero de pintura, tenho tido a honra de apresentar as minhas obras ás Senhoras da primeira grandeza, a quem esta novidade illudio. O exemplo mais proximo he a Senhora Duqueza de . . . . . , a cuja casa me enviastes naquelle dia, em que me mandastes pintar este espelho; e, levando-lhe eu hontem, o que ella me encommendára, mostrei-lhe huma Andromeda pintada, assim como esta Magdalena, julgou tambem, que era hum quadro; e tive bastante trabalho em persuadir-lhe, ser huma estampa illuminada. Conhecendo o seu engano naõ se fartou de rir, até que manifestou com grande admiraçaõ o seu innocente erro á numerosa assembléa, que chegava a tempo, que eu me hia retirando; e de todos, Senhora, recebi taõ grandes elogios, que me estaria mal repetillos.

Mar-

Marqueza.

Pois a Duqueza deixou-se enganar, ainda em cima alardeou? Já naõ quero segredos, Senhor; podeis dizer tudo, e até nomear a pessoa se quizerdes.

Porém occorre-me huma duvida, e he, que estou para ser pintora; ao menos assim mo affirmais: e nunca direi, que adquiri esta prenda em tres horas; ao contrario queria impor com ella; e para me sahir bem, devia, segundo penso, saber fallar alguma cousa a respeito da pintura, e por desgraça naõ tenho noticia alguma. Quando mostrar as minhas obras, o que farei a todo o mundo, he natural, que se falle á cerca de pintores, e pintura; a minha lingua trahirá o meu pincel, e vos confesso, que isto humilharia bem o meu pequeno amor proprio.

Vispré.

Se essa he toda a difficuldade, que vos embaraça de acceitar o presente, que tenho a honra de offerecer-vos, será facil de fazella. Vós naõ fazeis justiça a essa aguda penetraçaõ, que vos faz comprehender tudo, decorar, e discorrer com o melhor acerto. Demais naõ vos embaraceis com isso, que vos dou a minha palavra, de que em menos de huma hora hei de familiarizar-vos tanto com a pintura, que em caso de necessidade, podereis defender conclusões nella.

Marqueza.

Fareis mais esse milagre? Em fim valeis pe-

pezado a ouro. Ainda temos huma hora antes, que vamos para a meza; concedo-vos este tempo para me dardes as luzes necessarias.

Vispré.

Hei de conseguir esta empreza, e naõ esmoreço, pois me fundo na grandeza do vosso discernimento. Pois onde quereis, Senhora, principiar?

Marqueza.

Figurai primeiramente, que eu naõ desejo ser sabia, mas só parecello, e brilhar na conversaçaõ; he tudo o que vos peço. Toquemos da passagem a nossa materia, e se vos parece, vamos á origem da pintura, que estas memorias me bastaráõ.

Vispré.

❁ Definiçaõ da pintura. ❁

A pintura, Senhora, esta lingua muda, que naõ falla mais que aos olhos, he arte de traçar, por meio de cores, huma imagem parecida á todas as cousas, que saõ sujeitas aos sentidos. Tem quatro partes: invençaõ, disposiçaõ, ou ordem, desenho. e colorido. A invençaõ he a escolha dos objectos, que devem entrar na composiçaõ do assumpto, que a pintura quer tratar. A disposiçaõ he o arranjamento das seis partes de economia de hum quadro, que saõ, a distribuiçaõ dos objectos, os grupos, a escolha das posições, a variedades das cores, o traçado das roupas,

e

e a execuçaõ de tudo geralmente. Consiste o desenho em bosquejar no panno, páo, ou outra materia, os deliniamentos extremos, ou linhas caracteristicas de todas as cousas. O colorido he a mistura das cores, a sciencia da sua uniaõ, e o conhecimento da alliança, que ellas tem entre si, em fim o modo de servir-se dellas, para representar a cor dos objectos naturaes, que se querem pintar. Toda a sciencia da pintura se comprehende nestas poucas palavras, que vos bastaõ para sustentar huma conversaçaõ brilhante, com os nossos maiores mestres.

Marqueza.

Tenho decorado tudo isto, e me alegro por serem estes objectos proprios de revestirem de muitas franjas.

Vispré.

Passo á origem da pintura. Ainda os authores mais antigos, que tratáraõ della, naõ conhecéraõ a sua primeira época; porém todos concordaõ, em que he muito antiga. Dizem-nos, que o primeiro, que emprehendeo desenhar, o fez n'huma parede, traçando a sombra de hum homem alli representada pela luz. Diodoro de Sicilia (reparai bem, Senhora, nos nomes dos authores; podeis citallos sem perigo; e os temos todos em Francez) como hia dizendo, Diodoro de Sicilia, para demarcar a idade da pintura, escreveo, que no tempo de Semiramis havia em Babylonia, Cidade que esta Princeza mandou edificar, dous muros de desmedida grandeza, cujos ladri-

drilhos foraõ pintados, antes de serem cozidos, onde se via toda a sorte de animaes, pintados, e illuminados ao natural. Accrescenta, que ella tinha no seu palacio dous quadros, que representavaõ cassadas, e combates. Se damos credito aos Egypcios, a pintura foi conhecida por elles muitos seculos antes, que o fosse dos Gregos; mas os Gregos querem, que fosse inventada em Sicyone, ou em Corintho. Está no vosso arbitrio, Senhora, adoptar huma destas opiniões, e até podeis inventar outra, pois os authores naõ se concordaõ, e agora andaõ em moda os sistemas, que nos daõ novos soccorros para a conversaçaõ.

Marqueza.

Bellos conhecimentos! Nunca deixareis de os impingir áquelles, que virem as minhas obras.

Vispré.

Aqui tendes hum bello artificio para serdes admirada, sem receio de engano. Agora vamos entrar n'hum campo, hum pouco mais espinhoso. Cuidai em naõ confundir a ordem dos tempos, nem os pintores antigos com os modernos, porque sem isto vos exporeis a anachronismos, e parachronismos, que vos deitaráõ a perder.

Marqueza.

Anachronismos, parachronismos! Nunca poderei lembrar-me destas palavras.

Vis-

Vispré.

Estes dous estrangeiros, ainda que vos parecem barbaros, saõ dous Gregos respeitaveis, vertidos á Franceza; se tomardes amizade com elles, saõ bem capazes de estabelecer a vossa reputaçaõ scientifica. Anachronismo he o erro que se comette, collocando hum facto antes, que elle acontece; ao contrario, parachronismo he hum defeito, quando o fixamos, depois delle succeder. Que talento he necessario, Senhora, para dizer tantas cousas em duas palavras.

Marqueza.

Tendes razaõ, he absolutamente necessario ornar a minha memoria de anachronismos, e parachronismos; mas tornemos á nossa pintura.

Vispré.

Ainda me resta, Senhora, dar-vos a conhecer a pintura nos seus differentes generos; e tambem diremos alguma cousa á cerca dos pintores, que mais se avantejaraõ. Pinta-se a fresco, a tempera, em miniatura, á pena, a lapis, a oleo, em esmalte, em fim sobre o vidro, e por detrás do vidro. Já tendes idéa da pintura sobre o vidro, e reservo para quando trabalharmos, fallar a este respeito.

Pintura a fresco.

A pintura a fresco, cuja invençaõ se attribue á Pausias de Sicijone, he muito antiga; faz-se nas paredes, e abobadas rebocadas

das de argamassa ainda fresca, só com as cores de terra, ou esmalte destemperadas n'agua, e misturadas com a casca de ovo.

۞ Pintura á tempera. ۞

Pintura á tempera, faz-se diluindo as cores com agua de cola, ou agua gomada, assim como praticavaõ os antigos, que ignoravaõ a pintura a oleo. Aristides foi o primeiro, que representou nos semblantes todas as paixões d'alma. Zeuxis, e Parrasio, a quem notavaõ de serem muito demorados em tudo o que faziaõ, disculpavaõ-se, dizendo: que trabalhavaõ para a eternidade. Apeles foi o pintor de Alexandre, o qual já mais consentio, que outrem tirasse o seu retrato.

۞ Pintura em miniatura. ۞

A pintura em miniatura naõ difere, da que he feita á tempera, senaõ em que esta se serve de toda a liberdade do pincel, e a miniatura só trabalha em pontinhos, quer ser vista de perto, naõ se póde fazer facilmente senaõ em ponto pequeno, e devem nella empregar-se ás cores mais finas.

۞ Pintura á pena. ۞

A pintura á pena he assim chamada, porque a pena serve de pincel para esboçar, e acabar a obra, seja com tinta ordinaria luzente, ou da China, seja com cores desfeitas n'agua.

۞ Pintura a lapis. ۞

Pintura a lapis he aquella, que se finali-

sa sobre o papel, pergaminho, ou páo, só com o lapis, que algumas vezes he huma pedrinha natural, ou composta, e outras carvaó, ou mineral.

Pintura a lapis de pasta.

A pintura a lapis de pasta tem muita relaçaõ com a de lapis. A pasta he a massa de muitas cores gomadas, e moidas juntamente, ou cada huma de per si, de que se compoem todas as sortes de lapis para fazer retratos, ou outros objectos em papel, ou pergaminho.

A pintura em esmalte, bem como aquella feita a fresco, nos vem da mais remota antiguidade. Demorar-me-hei neste genero de pintura mais, do que nos outros; por que, sendo menos conhecido, será ouvido com maior curiosidade.

Marqueza.

Isso he justamente o que desejo.

Vispré.

Nos primeiros tempos se usava a pintura em esmalte, pois que aquelles muros de Babilonia, de que ha pouco vos fallei, eraõ de ladrilho esmaltado; e lemos, que Porcena, Rei da Etruria, que fez guerra aos Romanos, para restabelecer Tarquinio, mandou fabricar nos seus estados vasos esmaltados. Os Chins, este povo entuziasmado da sua antiguidade fabulosa, que conserva nos seus arquivos huma succeçaõ dos seus Reis de mais de quatro mil annos, ha tempos imemoraveis pintaõ em esmalte. Avizinhemo-nos mais ás nossas épocas,

e

e veremos, que na de Miguel Angelo, e Rafael, Roma moderna sobre sahia neste genero. Em França no Reinado de Francisco I., restaurador das letras, e pai das bellas artes, trabalhava-se em esmalte com toda a perfeiçaõ. Pariz, compendio do universo, se gloria com os dois maiores pintores em esmalte, que já mais existiraõ, os quaes saõ Bordier, e Petilot, os primeiros, que nos deraõ retratos em esmalte, e faziaõ os esmaltes, taõ flexiveis, que os dobavaõ n'huma dobadoira, para formar com elles, martinetes, ou plumas. Tal he em summa a historia da pintura em esmalte; vamos agora a differir os esmaltes, e vejamos, como se poem em uso. A sua materia he estanho, e chumbo em partes iguaes calcinados no fogo de reverberio, á que ajuntaõ sómente as cores metalicas, que saõ, o açafraõ de Venus, que faz o verde; a ferrugem de ferro, que faz o amarello, a cal do estanho que produz o branco, e do cobre, limadura do ferro, e do ouro pimente, o encarnado; com o salitre, se faz a cor de perola, e com o azeviche o preto. Estes materiaes, assim preparados, pisados, e reduzidos a pó se applicaõ, como as outras cores, sobre o oiro, prata, ou cobre, para alli se derreterem, recozerem, e vitrificarem com a força do fogo. Pintura muito mais preciosa, por naõ temer as calamidades do tempo.

Marqueza.

Em quanto vos estive ouvindo com tanto gosto, me excitastes o desejo de pintar em

esmalte, o que deve ser cousa por extremo curiosa.

Vispré.

Sim, Senhora; estou certo de que seria para vós hum bonito entertenimento. Conheço em Pariz hum esmaltador, que, se quizerdes, me ficará na obrigaçaõ de receber a honra de vos divertir no seu laboratorio.

Marqueza.

Naõ vos esqueça lembrar-mo, quando eu voltar para Pariz.

Vispré.

⚙ Pintura a oleo. ⚙

Sereis obedecida, Senhora; e insensivelmente temos chegado á pintura a oleo; ainda que he a mais interessante, reserveia para a ultima classe, por ser mais moderna. Faz-se, pisando as cores com oleo de nozes, ou oleo de linhaça. Este segredo, Senhora, como vedes, he muito simples, e a pesar disso, de todos os pintores, que vivêraõ até ao meio do seculo decimo quinto (cousa pasmosa!) apenas houve hum, que o achasse.

Devemos esta descoberta a Joaõ de Bruges, Flamengo, taõ grande chimico, como insigne pintor. Tanto he verdade, que as artes se daõ as mãos mutuamente! Elle conheceo, que pisando as cores com o oleo de nozes, ou de linhaça, se fazia huma pintura solida, que naõ só resistia á agoa, mas conservava huma viveza de cores, que podia servir de ver-

verniz; percebeo, que, naõ se seccando o oleo taõ depressa, como a agoa, resultaria hum proveito maior do que tiveraõ os antigos, o qual era, poder retocar muitas vezes as suas obras, emendar as figuras á sua vontade; e ter mais tempo para as acabar. Vio que as suas cores faziaõ hum colorido mais macio, delicado, e agradavel, dando maior uniaõ, e maiores affectos a toda a obra; em fim pagou-se tanto do seu primeiro quadro pintado a oleo, que julgando-o digno d'huma Testa Coroada, o offereceo a Affonso I. Rei de Napoles.

Pintura encaustica.

Nos nossos dias ressuscitou a pintura, chamada pintura encaustica, por ser necessario o fogo para a preparaçaõ das cores, que alli se empregaõ. Segundo Plinio, foi conhecida dos antigos; naõ tem hum luzente taõ desagradavel, como a pintura a oleo, porém tem mais viveza. Os Senhores Vien, e Lorrain, da Academia Real, fizeraõ cousas admiraveis neste genero.

Marqueza.

Pois todos esses quadros consagrados á immortalidade, alguns ha mais de mil e quinhentos annos, foraõ pintados a oleo? Fazeis-me muito favor, em advertir-me; por certo, que com a preocupaçaõ da probabilidade teria sustentado o contrario. Como estou sabia? Nunca imaginei, que podesse aprender tanta cousa em taõ pouco tempo. Saberei pintar, e discorrer sobre a pintura, e tudo em tres horas.

ras. Certamente haõ de cuidar, que tive sciencia infusa. Peço-vos, que me citeis agora alguns nomes dos authores, que tratáraõ da pintura, e alguns pintores mais famosos, fóra os que já me tendes nomeado, que isto me bastará para sustentar afoitamente que tenho lido huns, e visto as obras dos outros, e depois me concidero pela mais sabia de todas as Marquezas.

Vispré.

Tratados da pintura.

Senhora, os que escrevêraõ das vidas, e obras dos pintores saõ Carlodati, que recopilou tudo, o que os authores antigos disseraõ dos mais afamados pintores da antiguidade; Vitruvio, e Felibiano tratáraõ da pintura muito por extenso; Affonso Dufrenoy escreveo todas as suas partes; Vasar, que viveo no Pontificado de Leaõ X., e discipulo de Miguel Angelo, fez hum tratado em tres volumes, que foi continuado por Bagliori, e Pedro Belloni; Rodolfo publicou os pintores de Veneza; Rafael Sophrani, os de Genova; o Conde de Malvasia, os de Bolonha; Mander os de Flandres; e nos nossos dias o Senhor de Argenville, e muitos outros.

Marqueza.

Já tenho authores de sobejo; passemos aos Pintores.

Vis-

Vispré.

Grandes Pintores.

Temos, Senhora, Rafael, o Ticiano, Paulo de Verona, Cimaubué, os tres Carraches, o Guido, o Dominiquin, Albani, Rubens, o Poussin, Juvenet; e em miniatura Guernier, Auce, Bernard, etc.

Marqueza.

Oh! naõ me citeis mais, que naõ tenho, onde acommodar tanta gente.

Vispré.

Deixemos pois os pintores, de que já naõ resta mais, que o nome immortal, que adquiriraõ, e vamos aos vivos, que saõ . . .

Marqueza.

He escusado fallar nelles, porque conheço os mais celebres.

Vispré.

Mas talvez, Senhora, que naõ saibais, a quem elles saõ devedores da sua fortuna, e dos seus talentos, e he huma falta de conhecimento, que ninguem vos perdoará.

Marqueza.

Naõ; eu naõ sei nada disso.

Vispré.

Academia Real da Pintura.

Senhora, elles saõ devedores aos beneficios

cios do Rei, que á todos facilita meios de aprender, pagando a Mestres, que estaõ na Academia da Pintura, onde saõ recebidos os discipulos, segundo os seus talentos, e com distinçaõ aquelles, que pintaõ a historia, que fazem retratos, pintaõ batalhas, paizagens, animaes, frutos, flores, ou que pintaõ em miniatura, ou desempenhaõ outra qualquer parte, que diz respeito ao desenho; o que lhe supre o tempo de Aprendiz, e Mestre. Este Grande Rei, Conservador das bellas artes, bem certificado, de que a emulaçaõ he mãi dos talentos, propoem, e faz distribuir premios, que saõ medalhas de oiro, e práta; e, abrindo cada vez mais a sua maõ liberal áquelles, que os alcançaraõ, os conserva, sustenta, e accommoda no Louvre, donde os manda, á sua custa, á outra igual Academia de Roma, onde achaõ os mesmos soccorros, e dalli naõ voltaõ, senaõ para receber novos beneficios, entrando, como pensionarios, nesta mesma Academia em qualidade de Mestres.

Marqueza.

Já conhecia o nosso Monarca pela sua bondade, e por mil outras circumstancias, que o fazem estimavel; amava-o de todo o meu coraçaõ, mas depois, que me tendes contado delle cousas taõ bellas, ainda mais o amo. Vamos para a mesa, que será este o ultimo jantar, que coma antes de ser pintora.

FIM DO DIALOGO I.

DIA-

DIALOGO II.

Vispré.

SEnhora, em quanto estivestes occupada com a vossa visita, disse que accendessem fogo no vosso quarto, e que trouxessem hum vaso d'agua a ferver, onde lancei duas estampas, para se irem embebendo, as quaes representaõ a sentença de Paris. Trabalharemos cada hum de nós a sua, a fim de que possais executar na vossa as mesmas pinceladas, que me virdes dar na minha; e em quanto vos espero, irei preparando as cores.

Marqueza.

Pois naõ pintaremos huma Magdalena?

Vispré.

Naõ, Senhora; porque naõ tenho mais do que huma estampa; além de que, esse assumpto he muito singelo, e naõ he susceptivel de tantas variações como este, que vamos tratar. Ora, sendo o meu designio fazer ainda mais do que vos prometti, preferi este passo historico á outro qualquer.

Mar-

Marqueza.

Lembra-me por alto. Naõ se trata d'hum pomo?

Vispré.

Sim, Senhora. Naõ sendo a Discordia convidada para as bodas de Peleo, Rei de Tessalia, e da Deosa Thetis, filha de Nereo, á que todos os Deoses, e Deosas assistiraõ; èlla, para se vingar, lançou no meio da sala do festim hum pomo de ouro, sobre o qual estavaõ gravadas estas palavras: *Para a mais formosa*: Páris, filho de Priamo, pastor da Phrigia, foi escolhido por Jupiter, para ser arbitro entre Juno, Venus, e Minerva, que o disputavaõ. Ainda me ficou huma estampa, irmã das duas, que estaõ n'agua; ei-la aqui: vêde Páris encostado a huma arvore, pelo pé da qual corre hum regato, e Venus meia nua, que recebe o pomo fatal, que virá a ser causa algum dia do incendio de Troia; este bello Pastor lho dá, como á mais formosa das tres concorrentes ao premio da belleza, em quanto o Amor, adejando por cima da cabeça da Mãi, tem n'huma das mãos huma palma, e na outra huma coroa.

Marqueza.

Pois imaginais, que hei de pintar hum Páris quasi nú, hum Páris, que naõ tem mais do que huma especie de banda, que a todo o instante receio, que escorregue? Hei de pintar huma Venus, que em se remechendo qualquer cousa, deixaria cahir esse resto de ves-

vestido, que na verdade, quasi que lhe naõ serve de nada. O Amor he hum desaforadinho. Ai! estou taõ enraivada, que naõ posso acabar. Aposto eu, que vos aproveitastes do tempo, em que eu estive com a Baroneza, que nunca a vi taõ enfadonha, para hirdes lançar n'agua quente as nossas duas estampas, a fim de que eu naõ podesse desdizerme?

Vispré.

Já vos disse, Senhora, que naõ tive outro motivo, senaõ porque esta estampa reune quasi todos os differentes objectos, que se tratãõ nas outras. Este magnifico palacio, que vêdes no fundo do quadro, me dará lugar de vos ensinar, quaes saõ as cores, e qual a mistura, que dellas he preciso fazer; para pintar as pedras, e formar hum pedaço de arquitectura, segundo a riqueza dos seus ornatos, e harmonia das suas proporçõe. Esta montanha, que vai sumir-se pelas nuvens, me offerece occasiaõ de dizer-vos, qual he a tinta necessaria para a fazer, e igualmente estas nuvens, donde deceremos hum instante, para achar na terra, com que copiar-mos o horisonte, e o Ceo. Nestas arvores, que parecem furtar á vinha a purpura, e prata dos seus cachos, e sustentar a fraqueza da vide, mais por vaidade, que por compaixaõ, teremos occasiaõ de illuminar as uvas brancas, e tintas, o tronco das arvores, e os seus ramos, e folhas. Estas paisagens nos faraõ conhecer os longes, e pertos de hum quadro, para exprimillos depois, enganando ar-

ti-

tificiosamente á vista, conforme as regras da prespectiva. Esta cabana rustica, este velho curioso, que parece menos sensivel ao explendor do oiro da maçãa, que vê na maõ de Páris, do que ás graças de Venus, e que está gozando, a medo, o furto dos olhos, por detraz daquella arvorezinha, onde parece esconder-se. Mesmo esta Venus, seu filho, e seu Juiz, todos estes objectos me apresentaõ hum vasto campo para fazer correr do vosso pincel o oiro, o colmo, a palha, o linho, e as roupagens susceptiveis de todas as cores, tanto simplices, como compostas, os cabellos, em fim os coloridos das carnes nas quatro idades da vida. Por todas estas considerações tolerai Venus, de quem sois imagem, desculpai o Amor, que he hum menino, e naõ desprezeis o Páris, que he brando, terno, e respeitoso. A vós he que elle offerece o pomo, pois o julga á belleza. Permitti além disto, que vos represente, que neste quadro, naõ se vê mais do que huma nudez modesta, que absolutamente naõ offende o pejo. Naõ olheis, Senhora, para esta estampa com olhos mais severos, do que para aquella quadro magnifico da vossa sala de visitas, digno objecto da vossa afeiçaõ, o qual representa a casta Suzana no banho, e a louca temeridade da velhice fastidiosa.

Marqueza.

Quero satisfazer-me com as vossas razões; mais ficai persuadido, que cedo contra minha vontade. Comecemos a trabalhar.

Vis-

Vispré.

Senhora, as nossas estampas ainda naõ estaõ bem repassadas. Quando se molhaõ em agua a ferver, he necessario deixallas alli huma hora, e se for em agua fria pelo menos doze; porém, em quanto passa este tempo, naõ estaremos ociosos.

Eis-aqui, Senhora, as primeiras cores moidas com oleo de nozes, e linhaça, que saõ necessarias para pintar no reverso da estampa, quando estiver prompta, e pegada ao vidro; aqui as vêdes todas separadas nestas tigelinhas de barro, e postas pela ordem, que as vou nomeando. Dellas he que dependem todas as outras cores compostas.

Alvaiade.
Jadelino.
Ocre amarello.
Ocre da rua.
Amarello claro.
Amarello escuro.
Carmim.
Cinabrio, ou vermelhaõ.
Avermelhado escuro.
Laca fina.
Ouro pimente avermelhado.
Azul celeste.
Azul da Prusia.
Terra de Sombra.
Terra de Italia.
Terra verde.
Ouro pimente junquilho.
Negro de peixe. (1)
Negro de marfim.
Negro de ossos.

Costumai bem, Senhora, os vossos olhõs, á estas differentes cores, para vos naõ equi-

(1) Negro de Peixe, isto he, tinta de Chocos.

equivocardes, quando eu as nomear, para compor as differentes tintas, de que tiverdes necessidade.

Marqueza.

Naõ conheço mais que o carmim, e o vermelhaõ, quanto ás outras, só pelos nomes poderei acertar com ellas.

Vispré.

- Vou agora explicar-vos, Senhora, o que entendemos por tinta. He hum modo de combinar as cores, de applicallas ás figuras, e formar os claros, as sombras, e as distancias. As differentes gradações das tintas, saõ outras tantas economias da luz, relativamente ao claro, e escuro. Saõ em fim todos os meios entre a sombra, e a luz. Lembrai-vos da explicaçaõ, que vos fiz da arte de pintar no reverso do vidro; disse-vos, que mudava relativamente ás tintas a ordem seguida nos outros generos de pintura; pondo primeiramente por ordem de retro gradaçaõ, aquellas que daõ os realces, e depois as que servem de fundo, ou esboço; porque bem vêdes, que, virando o vidro, debaixo do qual se acha a pintura, os objectos saõ vistos atravéz, e, por consequencia, já naõ apparece aos olhos a desordem da retrogradaçaõ das tintas, pois saõ vistos os realces postos sobre os fundos, ou esboços.

Marqueza.

Lembra-me muito bem; e por signal lhe chamei pintura ásvessas.

Vis-

Vispré.

Pois agora pintando no reverso das nossas estampas, postas sobre o vidro, vamos seguir esta transmutaçaõ, que deve produzir o mesmo effeito, como se fora executada no vosso proprio espelho; o que observareis, quando virdes a estampa taõ transparente, como o vidro, ao qual nós a pegaremos. Faço-vos esta advertencia, taõ circumstanciada, a fim de que possais comprehender, que, de todas as tintas, que vamos compor, a que devia ser primeira por ordem, he, a que deveis pôr em ultimo lugar, e assim consecutivamente as outras, pois o uso de pintar sobre o reverso da estampa por detraz do vidro póde habituar-vos de tal sorte á pintura, que possais divertir-vos pintando em panno, ou em outro qualquer.

Marqueza.

Seria possivel, que algum dia viesse a pintar em panno.

Vispré.

O habito, que hireis adquirindo de pintar hum olho sobre outro olho, huma boca sobre outra boca, que estaõ na estampa, poderá fazer com que pinteis estas mesmas cousas em panno, e sem modelo.

Marqueza.

Como ficarei contente? Mas fallemos das nossas estampas.

Ves-

Vispré.

۞ Escolha das estampas. ۞

Podem metamorphozear-se em quadros com toda a perfeiçaõ. Vamos ás nossas, que já estaraõ bem repassadas. Devemos escolher estampas em fumo, taes como estas, que vamos pintar. Saõ melhores, que as outras para o nosso intento; por que saõ gravadas mais superficialmente, e menos sombreadas. As melhores vem de Inglaterra.

O que vedes nesta tigelinha, he termentina, e na outra oleo de nozes.

۞ Qualidade, e preparaçaõ do vidro. ۞

Tomai o vosso pincel; eis-aqui o meu. Pegai com este guardanapo, para vos naõ queimardes, em hum destes dois vidros de Alemanha, que se tem aquecido lentamente ao lado da chaminé. Alimpai-o bem; olhai, naõ tenha alguma bolha, ou defeito: em huma palavra deve ser taõ polido, como este, que eu estou alimpando.

Marqueza.

Por certo, que naõ póde haver hum vidro mais branco, nem mais bello.

Vispré.

Os momentos saõ preciosos; em quanto o vidro está quente, estendei com o vosso pincel a termentina em huma das suas superficies; espalhaio, assim como eu faço, de maneira que naõ fique em godilhões, mas que esteja bem igual por toda a parte.

Mar-

Marqueza.

Faço bem assim?

Vispré.

Optimamente. Continuai, Senhora, á estender a vossa termentina. Naquelles dois brazeiros está quente, ponde em cima o vosso vidro, para conservar o calor, que eu faço o mesmo ao meu. Muito bem, Senhora.

❁ Segunda preparaçaõ da estampa. ❁

Agora cada hum de nós da sua banda, estenda sobre a mesa dois guardanapos, hum sobre o outro. Vamos ao nosso vaso, e ver-me-heis tirar a estampa. Ei-la aqui, Senhora; pegai-lhe com as pontas dos dedos, e hide pôlla sobre os vossos guardanapos, em quanto eu vou tirar a outra, que ficou n'agua para tambem a pôr sobre os meus.

Marqueza.

Está bem assim?

Vispré.

Agora vereis, Senhora. Está como, se eu mesmo a tivera posto. Peguemos cada hum de nós n'outros guardanapos, e cubramos as nossas estampas, carregando-lhe levemente em cima com a maõ, a fim de que naõ estejaõ muito ensopadas; e demos tempo, a que os guardanapos possaõ embeber a agua das estampas; entre tanto tornemos a passar os pinceis por cima dos vidros; por que he muito

essencial, que a termentina esteja bem espalhada por toda a parte.

Marqueza.

Já sei fazer esta operaçaõ, parece-me, que a termentina está igualmente clara, pura, e bem distribuida.

Vispré.

❁ Applicaçaõ da estampa ao vidro. ❁

Naõ ha duvida, Senhora; agora podemos tirar os guardanapos, que estaõ sobre as nossas estampas. Levantai a estampa com as pontas dos dedos assim como eu faço; e ponde a face estampada sobre o vidro barrado de termentina; minto levemente, Senhora: principiai por huma parte, e acabai pela outra, e tomai bem sentido, naõ fique algum ar, ou vasio, entre a estampa, e o vidro; porque isso nos deitaria a perder toda a operaçaõ.

Marqueza.

Creio, que se naõ podia pôr com mais igualdade. Nem o vidro excede á estampa, nem a estampa o vidro. Todo o papel me parece unido, e por consequencia julgo, que está igualmente colado.

Vispré.

❁ Terceira preparaçaõ da estampa. ❁

Tendes trabalhado como hum Anjo. Agora he necessario o cuidado, e ligeireza. Ponde o nosso vidro com a estampa sobre os dois guar-

guardanapos, que ficáraõ estendidos na mesa; em quanto a estampa está humida, esfregai-a levemente, e levantai com o dedo as camas, de que se compoem o papel, as quaes se hiráõ despegando a bocadinhos, á excepçaõ da ultima, que está pegada com a termentina a toda a superficie do vidro. Segui-me exactamente nesta operaçaõ.

Marqueza.

Isto vai d'huma vez. Naõ lhe acho difficuldade alguma; todas as camas do papel se despegaõ com a menor esfregaçaõ dos meus dedos, á excepçaõ da ultima, que está pegada com a termentina ao vidro. Que observo? Agora parece-me a estampa gravada por ambas as partes. Vejo todo o quadro de Paris sobre o reverso da ultima cama taõ perfeitamente, como da outra parte a travéz do vidro. Tambem lá vos succedeo o mesmo? He bonita invençaõ.

Vispré.

Daqui a hum momento crescerá a vossa admiraçaõ. Em quanto secca a ultima cama, que ficou do papel da estampa, teremos tempo de preparar a vossa palheta. Atravessai-lhe o dedo polegar para sustentalla na maõ.

Marqueza.

A palheta he muito delicada; vejamos, se lhe pego bem.

Vispré.

Palheta.

Muito bem, naõ ha duvida; sómente he preciso profundar hum pouco mais o dedo pollegar no buraco. Bom. Vamos a isto.

Disposiçaõ das cores.

Tomai sentido, Senhora. Devemos encher a parte anterior da palheta, assim como eu faço, de alvaiade; pôr-lhe ao lado as cores amarelas; logo ao pé as encarnadas; depois as pardas, e pretas. Quanto ás outras tintas, que tambem coloco na vossa palheta, ao mesmo tempo, que nos formos servindo dellas, vos hirei explicando a sua composiçaõ taõ claramente, que, acabado o quadro, naõ só podereis preparar huma palheta, mas até dar liçoes neste particular.

Marqueza.

Naõ preparais tambem a vossa?

Vispré.

Sim, Senhora; pois vos prometti huma liçaõ de theoria, e pratica. Em quanto trabalho nisto, diverti-vos em ver, se as estampas estaõ seccas.

Marqueza.

Pois já! Ellas assim o mostraõ. Mas parece-me que se naõ vê agora tambem o desenho, como quando estavaõ sobre os fogareiros.

Vis-

Vispré.

Naõ vos amofineis por isso, que já lhe vamos dar o remedio. Pegai, Senhora, d'hum pincel; molhaio neste oleo de nozes, e passai com elle toda a superficie do vosso papel, assim como fizestes com a termentina sobre o vidro.

Marqueza.

Ah! Senhor, que estamos perdidos! Desfez-se inteiramente a ultima cama do papel, e nada mais resta sobre o vidro, que a tinta da estampa, que mostra todas as figuras.

Vispré.

Eu bem vos adverti, Senhora, que ainda havia ser maior a vossa admiraçaõ, mas agora vereis que o papel naõ se derreteo; o oleo he que o fez taõ transparente como o vidro, e isto occasionou o vosso engano.

Marqueza.

Por certo, que este he o Rei dos divertimentos. Vou tambem passar a oleo a vossa estampa; por que isto merece ser visto duas vezes. Oh! succedeo-lhe o mesmo! Na verdade he cousa bem curiosa.

Vispré.

Examinemos agora, Senhora, com toda a attençaõ a nossa estampa; recordai-vos da descripçaõ, que vos fiz, das partes do desenho, tende presente a definiçaõ das tintas, e das suas gradaçoes, e observai as proporçoes

das

das partes, cuja uniaõ exprime, já hum homem, já a mulher, hum velho, hum menino, hum rio, huma arvore, huma paisagem, hum edificio, em fim, qualquer outra figura, gravada na estampa, que se quer illuminar. Quando vos familiarisardes tanto com ella, que a possais ver em todas as suas partes, mesmo com os olhos da imaginaçaõ, pegaremos cada hum de nós em seu pincel, para pintar hum homem sobre outro homem, huma roupagem sobre outra roupagem, huma arvore sobre outra arvore, e assim os mais lugares da estampa, segundo as cores, de que saõ susceptiveis todos estes differentes objectos.

Marqueza.

Principiemos, quando quizerdes; pois vos asseguro, que a estampa está taõ gravada na minha cabeça, como no papel.

Vispré.

Pegai, Senhora, outra vez na vossa palheta, e pinceis. Cada hum de nós precisava de seu cavalete, porém remediar-nos-hemos com estas duas estantes da China. Assentai-vos nesta cadeira de braços, que eu me ponho ao vosso lado; e em quanto trabalharmos no reverso da estampa, tende cuidado de molhar o pincel nas mesmas tintas, em que me virdes molhar o meu. Ellas estaõ na vossa palheta pela mesma ordem, que estaõ na minha; assim naõ podeis enganar-vos. A' medida, que formos mudando de tintas, hir-vos-hei explicando as cores, de que se compoem.

Mar-

Marqueza.

Estou prompta a seguir-vos com ouvidos, olhos, e maos.

Vispré.

۞ Gradações das cores das carnes. ۞

Começando pelas encarnações, Venus, e Amor devem ser os primeiros objectos do vosso pincel. Está muito bem principiado, Senhora: continuai. As encarnações mais delicadas, como de mulheres, meninos, ou geniosinhos, se fazem, desfazendo com a faca huma pequena quantidade de azul no alvaiade; o que serve para os grandes claros das carnes.

۞ Tintas das encarnações de mulheres, e meninos. ۞

He necessario pôr sempre esta tinta a hum canto da palheta, como vêdes na vossa. Estoutra, onde agora molhamos o pincel he composta de huma certa porçaõ de alvaiade, á qual se ajunta quasi huma oitava parte do jaldelino, e esta, Senhora, faz a base de todas as tintas das carnes. A que se segue he huma parte da precedente, a que se ajunta muito pouco carmim, de modo que he quasi parecida com a primeira, que he composta de branco, e azul.

Mar-

Marqueza.

Eu vos escuto, olho para vós, trabalho, e admiro-me naõ estar acanhada.

Vispré.

Para qualquer aproveitar neste genero de pintura, Senhora, naõ precisa mais, que ter vontade de se divertir. Sirva-mo-nos, agora da segunda tinta das carnes, a qual he composta, como a precedente, de alvaiade, e de huma oitava parte de jaldelino, com a differença, de que em lugar da quantidade de carmim, que levava, se lhe substitue o dobro de vermelhaõ; e se vai augmentando este gradualmente até á sexta parte, podendo-se fazer deste modo tintas infinitas.

Marqueza.

Pois naõ tem numero limitado as tintas das encarnações das mulheres?

Vispré.

⚙ Carnes sombreadas. ⚙

Se as circumferencias das carnes saõ levemente sombreadas, bastaõ seis tintas; mas, quando tem muitas sombras, fazem-se ordinariamente oito, das quaes a setima e oitava saõ compostas de vermelhaõ, e jaldelino. Estas duas tintas me fazem lembrar huma observaçaõ importante, que necessito fazer-vos. Quando virdes huma sombra espessa, e logo ao pé hum claro, fareis huma tinta azulada, composta de branco, e azul, a qual poreis so-

sobre o claro, de sorte que elle se vá sumir com a tinta da sombra, que haveis de compor de vermelhaõ, e jaldelino.

Marqueza.

Comprehendo, o que dizeis, e naõ acho, que tenha maior difficuldade de executar, do que o mais que temos feito.

Vispré.

❁ Tinta das encarnações dos homens, e velhos. ❁

Estaõ acabados o nosso Cupidinho, e sua mãi, pelo que respeita ás encarnações; vamos agora ás de Páris, e do nosso velho curioso. As primeiras tintas, de que nos serviremos, saõ as cores de carne dos homens, e dos velhos. A primeira tinta he composta de alvaiade, e de huma quarta parte de jaldelino; esta serve para os raios de luz. A segunda he composta de huma parte da primeira tinta, ajuntando-se-lhe hum pouco de vermelhaõ. A terceira leva mais vermelhaõ. A quarta leva tambem avermelhado escuro. A quinta avermelhado escuro sem vermelhaõ. A sexta ainda mais avermelhado escuro, e esta ultima tinta serve para todos os sombreados das carnes.

Marqueza.

Comprehendo, que a vossa primeira tinta he a base das outras, e que naõ tenho mais, que ir-lhe ajuntando as cores, que me no-

nomeardes. Naõ ha cousa alguma mais simples, que esta operaçaõ.

Vispré.

Discorreis, Senhora, com muito acerto. Ornemos estas quatro cabeças de cabellos, e em primeiro lugar vamos a fazer-lhes os olhos. Só o Amorzinho podia passar sem elles; mas se lhe posessemos huma venda, como atinaria com sua mãi, a quem vem coroar!

Marqueza.

O Senhor Vispré sempre está gracejando. Vamos aos nossos olhos.

Vispré.

Olhos azues.

Quando os cabellos saõ louros, devem os olhos ser azues, grandes, vivos, e bem rasgados, taes como saõ os vossos, e como seraõ os de Venus. Reparai no ponto de vista, e ponde ahi hum ponto branco, e sobre a menina do olho hum ponto preto. Carreguemos a circumferencia d'huma tinta escura, e o resto da luz de tinta azul, composta de huma pequena quantidade de azul misturado com alvaiade. O Amorzinho ha de parecer-se com sua mãi, e terá tambem olhos azues.

Marqueza.

Pintemos olhos azues, que saõ muito da vossa paixaõ; mas os vossos saõ pretos.

Vis-

Vispré.

Olhos pardos.

Os meus, Senhora, como saõ feitos para admirar, seraõ para Páris, o qual deve servir-se delles para dar com justiça o pomo. Devemos pintar-lhe cabellos escuros, pois quando os olhos saõ escuros, tambem o devem ser os cabellos. Façamos lhe, Senhora, os olhos pardos. Marcai o ponto de luz, e a menina do olho como praticastes nos olhos azues. Carregai a circumferencia do olho de huma tinta escura, e pintai os restos da luz com huma pequena porçaõ de preto, mistudo com a sexta tinta das carnes.

Marqueza.

Faremos tambem os olhos pretos a este velho?

Vispré.

Sim, Senhora, e quando todas estas figuras tiverem olhos, entaõ faremos os cabellos, que havemos repartir, segundo a cor dos olhos.

Marqueza.

Vou acabar este ultimo olho, que falta.

Vispré.

Sim, Senhora, e quando todas estas figuras tiverem olhos, entaõ lhe faremos os cabellos, que havemos repartir, segundo a cor dos dos olhos.

Mar-

Marqueza.

Vou acabar este ultimo olho que falta.

Vispré.

۞ Cabellos louros. ۞

Façamos pois os cabellos ; os louros fazem-se com esta tinta composta de alvaiade, e jaldelino, huma pequena quantidade de negro d'osso.

۞ Cabellos pretos. ۞

A tinta dos cabellos pretos se faz com huma pequena quantidade de negro, misturado com a sexta tinta das carnes.

۞ Cabellos brancos. ۞

Para os cabellos brancos, que por excepçaõ vamos pôr na cabeça do nosso velho, nos serviremos do alvaiade misturada com huma pequena porçaõ de negro de peixe, e para as sombras deve ser menos quantidade de branco, e maior de preto.

۞ Cabellos apolvilhados. ۞

Deveis observar, Senhora, que a tinta dos cabellos brancos, serve igualmente para os cabellos apolvilhados.

Marqueza.

Ainda que naõ mo dissereis, eu o teria adevinhado.

Vis-

Vispré.

Linho.

Vistamos o nosso velho do pescoço até ás espadoas, já que a arvorezinha, que lhe occulta o resto do corpo, bem contra nossa vontade, nos serve de obstaculo para o completarmos, pintemos-lhe pois a parte superior de huma camisa desabotoada; para imitar a côr do linho, saõ necessarias tres tintas; a primeira he composta de alvaiade, e de huma pequena porçaõ de azul; a segunda de alvaiade, e muito pouca quantidade de negro de marfim; a terceira de alvaiade, de huma oitava parte de negro de marfim, e igual porçaõ de ócre amarella. A primeira tinta, Senhora, he para os primeiros claros; a segunda para as meias cores; e a terceira para as sombras.

Marqueza.

Eis-me livre da minha camisa sem costuras.

Vispré.

Passemos ás roupagens.

Marqueza.

Naõ gastaremos muito tempo, e ainda conservo hum resentimento, que naõ me póde passar.

Vispré.

Isto que vós chamais banda de Páris, con-

cor-

cordo que he insignificante, mas a roupagem da mãi dos Amores he mais consideravel. Naõ lho pintaremos todo, pois naõ ficou mais que o necessario para lhe resguardar o pejo, quando se despio á vista do seu juiz, o qual queria examinar bem a causa, antes de pronunciar a sentença.

Marqueza.

Naõ vos calareis? Rio, mas he de raiva.

Vispré.

Senhora, que cor daremos ao nosso vestido?

Marqueza.

Para mim he indifferente que seja cor de roza, ou de outra qualquer, só o que naõ quero he ter o trabalho de estar pensando na escolha.

Vispré.

E a banda, Senhora?

Marqueza.

Fareis a vossa tinta cor de fogo, e nella molharei o meu pincel, como em outra qualquer.

Vispré.

Em quanto estais indecisa, Senhorã, vou nomear as tintas, e compor as tintas das differentes roupagens, que requer a pintura, tereis a bondade de me apontar aquellas, que mais vos agradaõ para a vossa estampa, e d-

qui

qui vos resultaráõ duas vantagens ; huma he descançar hum pouco, outra aprender a composiçaõ das differentes tintas , de que precisamos continuamente , e cuja variedade faz hum taõ bello effeito n'hum quadro.

۞ Roupagem em geral. ۞

He a representaçaõ dos vestidos, tapeçarias, linhos, e outros estofos ; o seu effeito he dar a conhecer, o que ellas recataõ, ou exprimir o seu nó ; a sciencia de as formar consiste na execuçaõ dos traçados, ou dobras, na adherencia maior, ou menor aos corpos , e no caracter, seja de ligeireza, seja de movimento, relativamente ás figuras que estaõ em agitaçaõ, ou expostas ao vento.

۞ Roupagem branca. ۞

A primeira tinta só consiste em alvaiade, e naõ serve senaõ para os claros. Para formar a segunda , se lhe ajunta huma pequena porçaõ de negro de marfim , e usamos della para as meias sombras ; na terceira entra alguma quantidade mais de negro de marfim , que na segunda ; esta ultima tinta he para as sombras.

۞ Observaçaõ em geral. ۞

Lembrai-vos , Senhora, de que para cada roupagem sempre saõ necessarias tres tintas, e que das tintas que deveis pôr sobre o reverso da vossa estampa, segundo a ordem, que sigo na sua composiçaõ ; a primeira serve sempre

pre para os claros ; a segunda para as meias cores, e a terceira para os sombreados.

O ouro pimente, e o azul de Alemanha nunca se usa senaõ puro.

Roupagem azul.

Para a primeira tinta saõ necessarias outo partes iguaes, tanto de alvaiade como de azul; para a segunda tinta huma parte de azul, e quatro de alvaiade ; para a terceira tinta huma parte de azul, e duas de alvaiade.

Roupagem cor de violeta.

Devemos principiar pela composiçaõ de huma primeira tinta, que forma as outras, a qual he composta de huma parte de azul, e quatro partes de carmim, ou ócre fino.

Huma parte dèsta primeira tinta, que serve de base as outras com quatro partes mais de alvaiade, forma a segunda tinta: huma parte da segunda tinta com outra parte de alvaiade compoem a terceira tinta ; e esta poderá ir servindo de base para as outras, que se quizerem fazer.

Roupagem verde.

Huma parte de azul de Alemanha, e quatro partes de amarello claro produzem hum verde muito bonito, a differença das vossas tintas se fará misturando-lhe mais, ou menos alvaiade para as partes mais claras, ou escu-

ras

ras, e nas sombras vos servireis da primeira tinta.

Podereis compor os differentes verdes com maior, ou menor quantidade de amarello, ou azul de Alemanha.

Roupagem cinzenta.

Alvaiade com preto de peixe; mais alvaiade para os claros, e mais preto para as sombras.

Roupagem de ouro.

Ouro pimente junquilho para os brilhantes, ouro pimente encarnado para as meias tintas; encarnado escuro para as sombras mais espessas.

Aproveitemo-nos, Senhora, desta ultima mistura de cores, para pintar o pomo da Discordia, antes que Venus lance maõ delle.

Marqueza.

Consinto; é, em quanto o illuminamos, dizei-me como elle veio a ser causa do incendio de Troya.

Vispré.

Páris, havendo dado o pomo a Venus em preferencia de Juno e Minerva, foi para o Reino de Menelão Rei de Argos, e lhe roubou a mulher, que era Helena, filha de Jupiter e de Leda. Agamenon, Rei de Mecenas, e irmaõ deste Menelão, para vingar-se do rapto, partio á frente dos Principes, e exercito confederado, que o haviaõ eleito chefe,

e sitiou Troya, aonde Páris, filho de Priamo, conduzira Helena. Juno, indignada contra elle, pela ter julgado menos bella que Venus, negando-lhe o pomo, tomou parte na contenda, e protegeo os Gregos. O mesmo fez Venus aos Troyanos, em favor de Páris. Estas Deosas atrahiraõ todos os Numes pro, e contra. Em fim Juno triunfou, e Troya foi abrazada pelos Gregos, depois de dez annos de sitio.

Marqueza.

E que succedeo a Helena?

Vispré.

Sendo morto Páris, no tempo do sitio, por Pyrrho, filho de Achilles, hum dos Principes do exercito Grego, ella tornou a casar com Deifobo, que foi morto em fim por Meneláo, que recobrou a Esposa.

Marqueza.

Essa mulher no seu tempo havia de dar muito que fallar.

Vispré.

Sim, Senhora, porque ha perto de tres mil annos que morreo, e ainda se falla della. Tornemos ás roupagens, se vos parece.

Roupagem de prata.

He necessario huma pequena ponta de azul em alvaiade para os claros, para as meias tintas hum pouco de negro de peixe, e para as sombras mais negro.

Rou-

Roupagem amarella.

Só entra na primeira tinta o amarello de Napoles; na segunda o ocre amarello; e na terceira o ocre escuro (ou de rut).

De todas estas roupagens, nenhuma vos faz conta para dar côr a Venus. Naõ me restaõ com tudo senaõ tres que vos nomear.

Marqueza.

Eu bem dizia, que naõ havia de escolher nenhuma: da primeira cor, que nomeares, servir-nos-hemos, e pintaremos a banda com a que se lhe seguir.

Vispré.

Roupagem cor de rosa.

Senhora, a primeira tinta faz-se do alvaiade, misturada com huma quarta parte de carmim; na seguuda tinta ponho menos deste alvaiade, e mais carmim, e uso na terceira tinta do carmim só.

Marqueza.

A roupagem vai tendo fórma.

Vispré.

Já sabeis disto tanto, como o Mestre; se emprehenderes segunda estampa, nada mais terei que ensinar-vos.

Marqueza.

Oh! Pintamos cor de rosa, e de fogo justamente, mas vos disse, que tal naõ queria.

Vispré.

Naõ tinha, Senhora, que nomear-vos senaõ estas duas cores, e a purpurea. Fallei-vos nellas depois das outras, para que escolhesseis entre as primeiras, as que mais vos agradassem.

Marqueza.

Sois bem malicioso. Ora vejamos a cor de fogo.

Vispré.

⚙ Roupagem cor de fogo. ⚙

Para dar a cor de fogo, com que vamos illuminar a banda de Páris, vede-me primeiro moer vermelhaõ, e laca fina, metade de cada cousa, e ponde esta tinta á parte para fazer a base das tres.

Primeira tinta; huma pequena parte da base, e ajuntar-lhe huma quarta parte de alvaiade: segunda tinta; a mesma base, á qual junto menos alvaiade: terceira tinta; he a base só, quero dizer, metade de vermelhaõ, e metade laca fina.

⚙ Roupagem purpurea. ⚙

Primeira tinta, huma quarta parte de alvaiade: segunda tinta, laca, e menos alvaiade: terceira, laca só.

Ha, Senhora, huma advertencia, que fazer-vos sobre as quatro cores: amarella, rosea, cor de fogo; e purpurea. Quando nas roupagens, que se fórmaõ de huma destas qua-

quatro cores, se encontraõ sombras fortes, cumpre dar-lhes pinceladas seccas de vermelho, seguindo exactamente as disposições em que se acharem as sombras, e tendo cuidado em naõ cortar. Recommendo-vos particularmente o escuro vermelho, porque esta cor faz fugir o pardo da estampa, e he relativa á estas quatro cores.

Marqueza.

Nem huma palavra perco do que dizeis, Em que me occupaes agora?

Vispré.

Vamos sem interrupçaõ fazer o que nos resta cubrir na estampa. Comecemos pelas uvas: para mais variedade sejaõ pretas, e brancas. Preparai-vos, Senhora.

Uvas pretas.

Uvas pretas fazem-se com laca fina, e com dois tantos de azul de Alemanha. Assignalai em cada bago os golpes de luz de hum ponto branco, e fazei-os roxinhos com hum pouco de vermelhaõ na tinta.

Marqueza.

Senaõ fosse a obra minha, dizia que estas uvas estavaõ perfeitamente boas.

Vispré.

Cada qual, Senhora, póde julgar-se a si mesmo. Façamos os cachos brancos, com o alvaiade, e hum pouco de ocre amarello; ajuntemos-lhe huma pontinha de azul.

azul. Marquemos o ponto de luz dos bagos com branco simples, e os reflexos com mais hum pouco de amarello na tinta.

Marqueza.

Estou contente de mim quanto he possivel. Animo meu amor proprio.

Vispré.

Elle he acertado, Senhora, quando se acerta como vós. Vamos ás paisagens. He preciso nesta parte muita variedade de cores.

Arvores.

Estas arvores estaõ copadas, e juntas, naõ as façamos todas com a mesma verdura.

Folhas verdes claras.

As folhas mais claras façamo-las de huma tinta composta de huma parte de azul de Alemanha, e quatro partes de ouro pimente junquilho.

Folhas verdes sombreadas.

Pintemos outras com tinta de huma porçaõ de azul de Alemanha, e dous tantos de amarello, que chamaõ graõ, ou gran d'Avinhaõ, que seja claro, com o qual pintaremos a matta, que esconde o velho.

Folhas mortas.

Pintaremos tambem algumas folhas mortas,

tas, ou petisecas, e para isto escolheremos, as que forem mais sombreadas, cumpre formallas de huma tinta composta d'ocre amarello, e hum pouco de pardo avermelhado. Reparai, Senhora, que a nossa estampa toma o ar d'hum painel.

Marqueza.

Avante, Senhor, pois me abrazo nos desejos de ver acabada esta metamorphose.

Vispré.

Antes de acabarmos de cubrir o topo de nossas arvores com folhas de differentes verdes, convem fazer-lhes primeiro os seus troncos, e ramos: e proseguiremos, colorindo o Ceo, as nuvens, e horisonte; porque o Ceo, que deve apparecer por entre as folhas, se deve pintar antes das mesmas folhas, que precisa tocar com a ponta do pincel.

Tronco das arvores.

Compõem-se a cor, com que se devem pintar os troncos das arvores, d'ouro pimente vermelho, ou d'ocre amarello nos lugares mais claros, ou de maior luz, e para as sombras precisa-se dar alguns toques de ocre mais escuro com outro tanto d'azul.

Ceo, ou ar.

Componho a tinta para o Ceo limpo do azul ultramar, com quatro tantos de alvaiade.

Ho-

Horizonte.

Pinta-se o horizonte com tinta feita de alvaiade, hum pouco de vermelhaõ, e hum toque de amarello de Napoles.

Nuvens.

Faz se a tinta, que se dá ás nuvens, com alvaiade, e hum toque d'ocre amarello. Senhora, vós matizais, e illuminais o vosso ceo perfeitamente.

Marqueza.

Ah, Senhor, para que he tanto louvor? De mim mesmo me sinto obrigada a amar a minha obra. Agora se segue a continuaçaõ das nossas arvores.

Vispré.

Sim, Senhora. Colori as folhas d'humas com as nossas tintas precedentes, e das outras com esta nova composta d'huma parte de azul de Alemanha, e duas de ocre amarello.

Arvores ao longe.

Cumpre tambem fazerem-se as arvores, que se vem ao longe, de huma tinta differente, que costumo compolla de muito alvaiade, com pouco, ou muito pouco amarello.

Marqueza.

Naõ vos canseis, Senhor, visto serdes obrigado a fallar muito mais que eu, e dever eu

eu contar infinitamente com a vossa condescendencia.

Vispré.

Confesso-me excessivamente obrigado á attençaõ, com que vos dignais tratar a hum hospede, que tanto vos respeita.

⚙ Montes vistos ao longe. ⚙

Actualmente levantamos montes, que se perdem de vista pela distancia. Convem pintallos em gredelino, o que se faz com hum pouco de laca fina, n'huma sufficiente quantidade de alvaiade. Havendo dous, que se toquem, precisa-se variar hum com tinta tirante a azul.

Marqueza.

Tendo-se preparado a estampa, e a composiçaõ das tintas, o resto he pouca cousa.

Vispré.

Senhora, tal naõ pensaveis, quando vos affirmei, que em tres horas vos poria no estado de fazerdes hum quadro, como o que vos mostrava, e certamente naõ gastareis mais tempo em fazer algum, que tenha mais algumas outras miudezas.

Marqueza.

He certo que se eu naõ tivesse visto, e pintado, a verdade me teria obrigado a naõ acreditallo.

Vis-

Vispré.

Architectura.

Se for do vosso gosto, façamos este bocado de architectura, e tambem hum tecto rustico cuberto de colmo, que figure ser a morada do nosso velho.

Pedras.

As tintas para a architectura, e para as pedras requerem, para os claros branco com hum pequeno toque de azul, e para as sombras, algum negro misturado no branco com hum pequeno toque d'ocre vermelho.

Colmo.

Imita-se a cor do colmo com ocre amarello, alvaiade, pouco mais, ou menos, partes iguaes de cada cousa.

Palha.

A palha com ocre escuro misturado com alvaiade. Faça-se o madeiramento da choupana do velho de ocre amarello nos claros, e hum toque leve de negro no pardo para os sombreados.

Obras de madeira.

A mesma tinta tambem vos servirá para obras de madeira.

Naõ vos esqueçais, Senhõra, que as differentes tintas, de que vos dei a composiçaõ, co-

colorindo os individuos da nossa estampa, vos hajaõ de servir, quando tiverdes a pintar outras quaesquer estampas. Se a cor natural naõ for absolutamente a mesma, sombreando hum pouco menos, e colorindo hum pouco mais. ferireis, por vós mesmo, o alvo, e achareis, ajudada pelo exercicio, mestre de todas as artes, todos os seus respeitos. Esta razaõ foi a que nos obrigou a colorir actualmente a palma do amor com a tinta, de que usamos nas folhas mortas, e a coroa de murta com a segunda tinta de nossas folhas.

Marqueza.

Eu imaginei bem, que a composiçaõ das tintas, he obra da razaõ: além disto, farei meus ensayos, e á vista delles estou segura, que me naõ enganarei.

Vispré.

Agora, Senhora, chegamos ao nosso regato, que he mister fazello de huma agua clara, e transparente.

Agua tranquilla.

Para o executar-mos, nos devemos servir desta tinta verdoenga, composta de alvaiade, hum pouco de azul, e de huma pequena ponta do verde de Avinhaõ, chamado de graõ claro.

Agua agitada.

Se a agua estiver em movimento, se pre-

ci-

cisa figuralla esbranquiçada, com hum pouco de alvaiade, e alguma terra verde.

Agua distante.

Se for preciso fazer apparecer esta agua em alguma distancia, se fará bem illuminalla, figurando-a cor do Ceo com muito branco, e hum pouco de azul.

Marqueza.

Chegamos finalmente ao vosso ultimo objecto, pois presentemente nada mais vejo, para se pintar, que a terrassa.

Vispré.

He certo, Senhora, que nada mais temos para pintar, senaõ as terrassas, para a total transmutaçaõ das nossas estampas em quadros.

Terrassas.

A tinta, para exprimir as terrassas, se faz com ocre escuro, e hum bocadinho de pardo vermelho, e alvaiade.

Observações importantes.

Em quanto nos occupamos a pintar, Senhora, farvos-hei huma observaçaõ geral a respeito de todas as estampas, que se tem para colorir, estando os fundos bem assombreados, e vem a ser, que se precisa cobrillas de pardo avermelhado, para fazer fugir o acinzentado da estampa.

Daõ-

Daõ-se ainda outras tintas, de que ainda vos naõ dei a composiçaõ, porque ellas naõ tem cabimento na nossa estampa, como por exemplo, a tinta para os seixos, que se compõem de branco, de ocre escuro, e hum pouco de negro de peixe.

Aço.

A do aço, que se faz pelo azul de Prussia, se daõ dous tantos menos de negro de peixe, ajuntando-lhe, para os claros, alvaiade.

O cobre.

O cobre, que se faz com alvaiade, e pardo vermelho; e algumas outras tintas, facilmente, Senhora, as aprendereis pelo uso, e sem mestre, tendo sempre em lembrança, que toda a differença das gradaçõeS das tintas provém do mais, e menos branco, segundo as partes que tiverdes mais, ou menos illuminadas. Entretanto, Senhora, tirai vosso vidro de cima da estante, e olhai para a vossa obra a través do mesmo vidro.

Marqueza.

He hum bem para mim ter feito este quadro. Talvez me animaria a dizer, que era taõ bom, como o vosso.

Vispré.

Se o dissesseis, Senhora, fallarieis a verdade. Adverti, se for do vosso agrado, que a retrogradacaõ das tintas naõ subsiste mais em razaõ da vista, pois que o vosso quadro, que ve-

vedes através do vidro, que deve ser assim, tem realces de pintura, deitados sobre os esboços.

Marqueza.

Isso admiro eu com huma satisfaçaõ infinita. Na verdade o meu quadro parece miniatura. Lança tanta luz como o mais bello pastel. Estou diante delle com huma especie de adoraçaõ. Precisa, sendo do vosso gosto, desculpar a fraqueza d'huma mãi a respeito do seu primeiro filho.

Vispré.

Amai-o, Senhora, he vosso trabalho, he a vossa obra estimada, he a vossa senhorita. Tenho feito hum pintor, e naõ tenho mais discipulo. Cultivai a pintura, Senhora, por ser hum objecto digno do vosso divertimento: he huma arte nobre, huma arte excellente. Os Gregos prohibiaõ, que seus escravos naõ se applicassem, e se exercitassem na pintura debaixo da pena de vida. Dotada, como sois, de hum espirito fino, e delicado naõ tendes outra necessidade, para ir ávante, senaõ o entretenimento. Para isto possuis o segredo da manobra: tendes a historia da pintura, sua definiçaõ, suas partes, conheceis as cores, compondes as tintas: vós as empregais, segundo as leis da prespectiva, vós as carregais, e enfraqueceis, segundo os accidentes da luz, e do dia plano, fazeis as differentes luzes, ou claros, assim dos corpos luminosos, como dos illuminados. Tendes reflexões, tendes sombras, executais as differentes visitas, ou aspectos, segundo a posiçaõ do expectador,

ou

ou das cousas vistas. A este respeito tendes, Senhora, o que produz esta força, esta altiveza, esta doçura, e este precioso, que se encontraõ nos quadros.

Marqueza.

Conheço todo o valor do presente, que me fazeis, e assim o meu reconhecimento ainda requer de vós outro favor, que o manifestarei ao depois, que me tiverdes promettido de o naõ recusar.

Vispré.

Dizei-o, Senhora, que podeis estar certa, que naõ deixarei de obedecer-vos.

Marqueza.

Promettei-o ao menos, se tendes feliz memoria.

Vispré.

Mui feliz, Senhora.

Marqueza.

Por tanto já naõ podereis faltar á vossa promessa. Eu quereria gozar todo o fructo da vossa liçaõ, para isto se faz preciso, que me desseis por escripto tudo quanto me tendes ensinado hoje, sem ommittirdes cousa alguma, nem huma frase, nem huma palavra, sendo possivel. Por este meio, quando quizer divertir-me, pintando, vos terei sempre comigo.

Vispré.

Que pedis vós, Senhora?

Marqueza.

Desconfiava eu muito bem, que vós o negarieis?

Vispré.

Naõ, Senhora: eu obedecerei, mas com a condiçaõ, que, se me esquecer alguma cousa, por me servir de vossas proprias expressões, deveis ser indulgente, lembrandovos, que hum pintor maneja melhor hum pincel, que huma penna.

Marqueza.

Serei tudo, quanto for preciso ser. Arejemos hum pouco.

Vispré.

Se a viuva moça, que me encommendou o quadro, que puz agora na boceta, o naõ tiver esta tarde, se enfadará comigo, e a obrigaçaõ, que tenho de lho levar, me naõ permitte gozar por mais tempo da honra de estar na vossa presença.

Marqueza.

Nada estimo; mas hide, visto naõ podervos demorar, dar esse alegraõ á vossa viuva. Quando haveis de voltar?

Vispré.

De manhã, Senhora.

Mar-

Marqueza.

Ficar-vos-hei muito obrigada, se me comprardes hum sortimento de estampas, de vidros, e de cores, e de tudo o que julgardes que terei necessidade para pintar, e juntamente de mos enviar o mais presto que poderdes.

Vispré.

Logo que chegue será esse o meu primeiro empenho. Permitti-me, Senhora, que me ausente.

Marqueza.

Precisa-se deixar ir a quem se naõ póde reter

Vispré.

Sou vosso mui humilde servidor.

Marqueza.

Deos vos acompanhe.

Vispré.

E passai bem.

INDICE

DO QUE SE CONTE'M NESTE LIVRO.

DIALOGO I.

Pintura em vidro.	3
Vidros raros.	4
Pintura sobre o espelho.	5
Pintura por detrás do vidro.	9
Diſiniçaõ da pintura.	13.
Pintura a ſresco.	16
Pintura á tempera.	17
Pintura em miniatura.	ib.
Pintura á pena.	ib.
Pintura a lapis.	ib.
Pintura a lapis de pastá.	18
Pintura a oleo.	20
Pintura encaustica.	21
Tratados da pintura.	22
Grandes Pintores.	23
Academia Real da Pintura.	ib.

DIALOGO II.

Escolha das estampas. 32
Qualidade, e preparaçaõ do vidro. ib.
Segunda preparaçaõ da estampa. 33
Applicaçaõ da estampa ao vidro. 34
Terceira preparaçaõ da estampa. ib.
Palheta. 36
Disposiçaõ das cores. ib.
Gradações das cores das carnes. 39
Tintas das encarnações de mulheres, e meninos. ib.
Carnes sombreadas. 40
Tinta das encarnações dos homens, e velhos. 41
Olhos azues. 42
Olhos pardos. 43
Cabellos louros. 44
Cabellos pretos. ib.
Cabellos brancos. ib.
Cabellos apolvilhados. ib.
Linho. 45
Roupagem em geral. 47
Roupagem branca. ib.
Observaçaõ em geral. ib.
Roupagem azul. 48

Rou-

Roupagem cor de violeta. ib.
Roupagem verde. ib.
Roupagem cinzenta. 49
Roupagem de ouro. ib.
Roupagem de prata. 50
Roupagem amarella. 51
Roupagem cor de rosa. ib.
Roupagem cor de fogo. 52
Roupagem purpurea. ib.
Uvas pretas. 53
Arvores. 54
Folhas verdes claras. ib.
Folhas verdes sombreadas. ib.
Folhas mortas. ib.
Tronco das arvores. 55
Ceo, ou ar. ib.
Horizonte. 56
Nuvens. ib.
Arvores ao longe. ib.
Montes vistos ao longe. 57
Architectura. 58
Pedras. ib.
Colmo. ib.
Palma. ib.
Obras de madeira. ib.
Agua tranquilla. 59
Agua agitada. ib.
Agua distante. 60

Ter-

Terrassas. ib.
Observaçôes importantes. ib.
Aço. 61
O *cobre.* ib.

FIM.

CATALOGO

DAS OBRAS DE DESENHO

IMPRESSAS NA OFFICINA CHALCOGRAPHICA DO ARCÒ DO CEGO.

Tractado das sombras relativamente ao Desenho (*Dupain*) com 14 Estampas.
Os principios do Desenho (*Lairesse*) traduç. com 4 Estamp.

Debaixo do Prelo.

Geometria dos Pintores (*Dupain*) trad.
Arte do Gravador.
Principios de Gravura (*Lairesse*) trad.

Estas obras se vendem na loge da Officina Chalcografica ao Rocio. *Na da Viuva Bertrand e Filho, na de Borel Borel ao* Chiado. *Na de Estevão Semiond em* Coimbra. *Na de Antonio Alvares Ribeiro no* Porto.

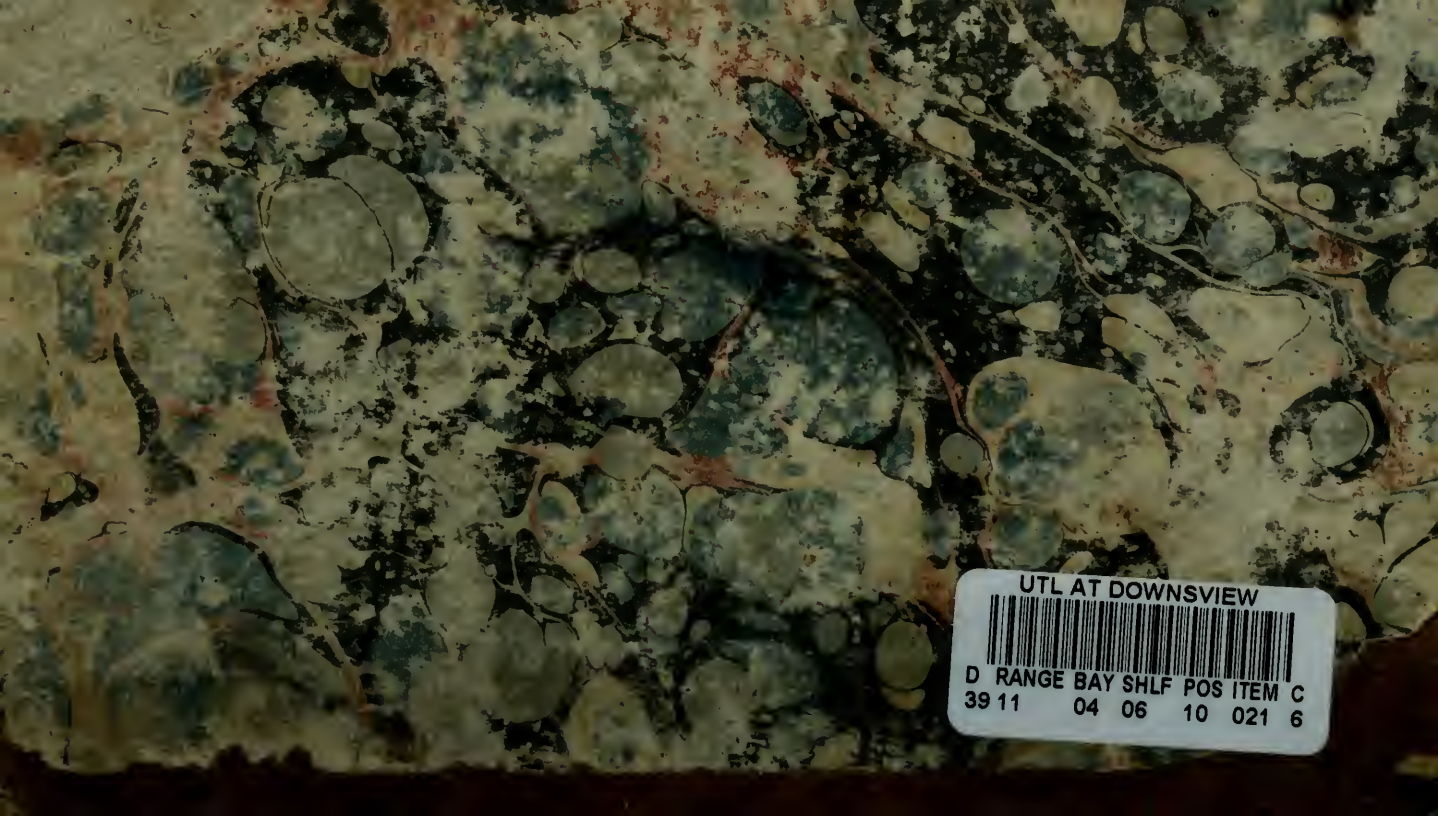
Na mesma loge ao Rocio *se vendem tambem Retratos em preto, e illuminados, gravados por artistas Portuguezes; e caracteres typographicos de toda a qualidade elegantemente abertos por Nacionaes.*

Amôr

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

ND
1130
M6819
1801
c.1
ROBA


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 04 06 10 021 6